

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 18

Data 23 de setembro de 1978 Pg.: _____

Novo prazo para demarcação, um pedido a Ismarth

Do correspondente em
RIO BRANCO

"Nós, povo do Acre, em abaixo-assinado, unimos as nossas vozes à de dez mil índios ainda existentes nos vales do Juruá e Purus — campa, Culina, Apurina, Jamamadi, Mantineri, Jaminawa, Kaxinauá, Katukina, Poianaua, Nukini e outras — no sentido de que se prorroguem os prazos para demarcação das terras indígenas de nossa região e que, desde já, a Funai garanta a posse de fato e de direito das terras delimitadas para os índios do Acre, de acordo com o artigo 25 da Lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973."

Este é o teor de um abaixo-assinado que será enviado ao general Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Funai, pela Comissão de Apoio ao Índio pela Demarcação de suas Terras, constituída por entidades locais como Cimi, Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Comissão Pastoral da Terra, Diretório Central do Estudantes (Universidade do Acre) e Federação do Teatro Amador do Acre. O documento foi apresentado ontem na abertura de uma feira de artesanato indígena, montada na entrada da Assembléia Legislativa do Estado. A feira

consta de peças artesanais utilitárias (redes, vasos, etc.) e outras simplesmente decorativas, como máscaras, cocares, coiares e instrumentos usados pelos índios kaxinauá.

Num folheto que apresenta a feira, ilustrado com fotos de Paulo Pereira, (filho do presidente nacional da Arena, Francellino Pereira, que fez um trabalho fotográfico junto aos índios Kaxinauá), há um depoimento do líder dos Kaxinauá, Alfredo Sueiro, em que ele declara:

Sueiro vive com sua tribo nos altos do rio Jordão, em área que já foi delimitada pela Funai, mas que é cobiçada e explorada por alguns seringalistas, os mesmos que estão fazendo acusações contra o antropólogo Terri Valle de Aquino, que defende essas terras para os índios. O grupo vive confinado num pequeno seringal, chamado Fortaleza, completamente envolvidos pelos patrões brancos, que dificultam a comercialização e o abastecimento dos índios. Sueiro declara: "Minha produção é pouca. Tem muita gente prá dar de comer. Precisamos da nossa terra. Eu conheço o sol, a terra, sou da mata, sei que essa terra é nossa".